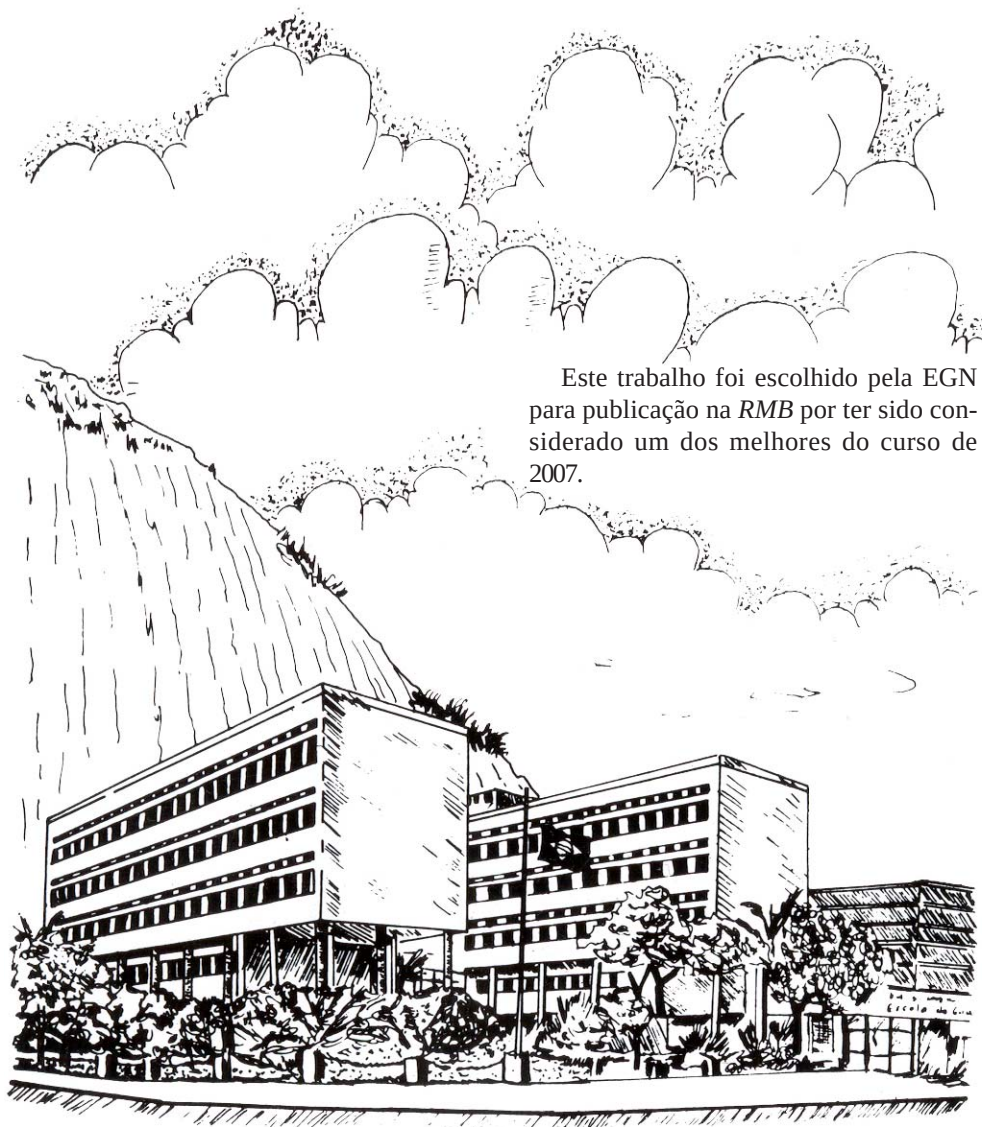


CHINA: POTÊNCIA MILITAR MUNDIAL NA PRÓXIMA DÉCADA?

Do Curso Superior de Guerra Naval

Este trabalho foi escolhido pela EGN para publicação na *RMB* por ter sido considerado um dos melhores do curso de 2007.



CHINA: POTÊNCIA MILITAR MUNDIAL NA PRÓXIMA DÉCADA?

Compreendendo a estratégia chinesa: “Observe calmamente, assegure a nossa posição, lide com os assuntos com calma, oculte nossas capacidades e aguarde a nossa hora, seja bom em manter a discrição e nunca reivindique a liderança.”

A Estratégia em 24 caracteres (chineses)
Deng Xiaoping¹

LUCIANA MASCARENHAS DA COSTA MARRONI
Capitão-de-Corveta (EN)

SUMÁRIO

Introdução

A República Popular da China

O crescimento da China

O início das reformas econômicas

Investimentos em Educação e Ciência e Tecnologia

A transformação em potência comercial

A situação atual

Política de defesa e modernização militar

Investimentos em Defesa

O esforço chinês para a modernização militar

A Política de Defesa Nacional

Política e relações internacionais

A posição atual da China na Balança Mundial do Poder Militar

A percepção dos EUA e seus aliados em relação à rápida modernização militar chinesa

Perspectivas para o futuro

Na economia

Na expansão do Poder Militar

Na balança de poder

Reflexões finais

1 N.T.: Deng Xiaoping foi secretário-geral do Partido Comunista chinês, sendo, de fato, o dirigente mor da República Popular da China entre 1976 e 1997. O texto “Understanding China’s Strategy: Observe calmly; secure our position; cope with affairs calmly; hide our capacities and bide our time; be good at maintaining a low profile; and never claim leadership. Deng Xiaoping’s – 24 Character Strategy”, em inglês, e o original em chinês constam do Relatório Anual ao Congresso 2007 – Poder Militar da República Popular da China, do Departamento de Defesa dos EUA (US Department of Defense, 2007, p. 6).

INTRODUÇÃO

Nos últimos 20 anos, a República Popular da China (RPC) tem impressionado o mundo pela velocidade de seu crescimento econômico. O avanço acelerado de sua economia criou condições para um expressivo desenvolvimento do seu poder militar. Esse fato merece atenção do ponto de vista da Estratégia e da Inteligência, pois sugere que, se não houver modificações nas tendências atuais, ocorrerá, em curto espaço de tempo, uma alteração no cenário estratégico e geopolítico mundial, com a ascensão da China como superpotência. A sua crescente influência na Ásia e a sua relevância no cenário mundial possivelmente implicarão conflitos de interesses com a potência hegemônica atual, os Estados Unidos da América (EUA).

Para entender a conjuntura político-econômica atual e identificar um possível cenário futuro, serão abordados neste estudo: a evolução histórica e econômica da China, com ênfase nos últimos 25 anos; o processo de sua modernização militar; e o esforço para desenvolver novas tecnologias vinculadas a esse setor. Serão também analisadas: a política de defesa nacional chinesa; a sua atual posição na balança de poder mundial; e como esta modernização militar está sendo vista pelos EUA e seus aliados. Serão apresentados, ainda, os avanços que poderão ocorrer na economia e no poder militar e suas possíveis consequências nas relações com os EUA.

O propósito da nossa discussão será procurar identificar como ficará o relacionamento entre a China e os EUA ao final da próxima década. Ao longo da análise, buscaremos indícios que possam indicar se haverá uma redistribuição de pesos na balança mundial,

com uma possível perda de hegemonia militar dos EUA. Conseguirá a China, nos próximos dez anos, desenvolver um poder militar capaz de dissuadir eventuais pressões e embargos e impor seus interesses à potência hegemônica atual (EUA)?

Estudar a China em todos os seus aspectos implicaria investigar inúmeros assuntos, com múltiplas possíveis abordagens. Em vista disso, a amplitude e a profundidade deste trabalho estarão limitadas ao estudo do crescimento econômico e dos investimentos em Educação, Ciência e Tecnologia no que for aplicável ao desenvolvimento militar. Os dados empregados neste estudo foram obtidos por meio de pesquisa em documentos oriundos, principalmente, do governo dos EUA, entre outros divulgados ostensivamente na internet.

A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A República Popular da China, popularmente conhecida como China, surgiu em 1949, após a Guerra Civil, vencida pelo Partido Comunista Chinês (PCC). Seu líder, Mao Zedong², estabeleceu um modelo político leninista-marxista, em que a luta de classes estava na base das reformas. A China experimentou períodos de crescimento, inovações e recuperação econômica, intercalados por dois períodos desastrosos e de grande conturbação promovidos por Mao: o **Grande Salto para a Frente** (1958 e 1960), cuja idéia central era a de que a produção agrícola teria a capacidade de se desenvolver por meio da organização da mão-de-obra rural (as comunas) garantindo assim o crescimento; e a **Revolução Cultural** (de 1966 até 1976), cujo objetivo era eliminar os intelectuais e críticos do PCC e incentivar os jovens a fazer mudanças políticas para deixar a administração menos elitista em áreas

2 Mao Zedong (ou Mao Tsé-Tung, 1893-1976), fundador da RPC, foi um dos mais proeminentes teóricos do comunismo, defendendo idéias revolucionárias de luta, guerrilha e combate.

como Educação, Saúde, Cultura e Economia (FAIRBANK, 2007, p. 340).

Apesar da grande influência exercida, desde 1920, pela União Soviética no desenvolvimento do comunismo chinês, em 1960 ocorreu o cisma sino-soviético, que representou o afastamento dos dois países, fazendo com que a China desenvolvesse seu próprio estilo de comunismo nacional (FAIRBANK, 2007, p. 348).

Com a morte de Mao, em 1976, foi possível iniciarem-se mudanças na economia e na sociedade chinesas. Naquele momento, a China era um país isolado, pobre, rural e turbulento. No final de 1978, Deng Xiaoping assume o poder e promove uma política de consolidação e desenvolvimento conhecida como **As Quatro Modernizações**³. Inicia reformas econômicas pragmáticas e a abertura para o mundo exterior, incluindo uma aproximação com os EUA. A economia chinesa cresceu extraordinariamente nas últimas décadas do século XX, cerca de 9% ao ano, passando de uma economia baseada na agricultura para uma economia industrial moderna e de serviços. A receita *per capita* quadruplicou, melhorando o padrão de vida da população (FAIRBANK, 2007, p. 372). Baseada nesse estupendo crescimento econômico, a China emergiu como potência militar regional (USA, 2006, f. 6).

Apesar do grande sucesso das Quatro Modernizações, a Quinta Modernização, a política, não evoluiu como seria desejado.

Deng Xiaoping e outros líderes do partido introduziram diversas reformas políticas limitadas que constituíram a base para uma mudança política potencial. Entre 1985 e 1986, alguns intelectuais e tecnocratas que ocupavam postos no alto escalão do governo, na mídia e no meio acadêmico reivindicaram uma revisão da ideologia leninista-marxista e propuseram a adoção de um sistema político ocidental de controle mais enfático do que o proposto na democracia socialista. Porém, membros mais conservadores do partido opunham-se às novas reformas. As manifestações populares por reformas políticas eclodiram em 1986 e atingiram seu ápice em 1989, quando, em 4 de junho, os manifestantes foram violentamente reprimidos na Praça Tiananmen⁴ (FAIRBANK, 2007, p. 384-391).

Após o evento de 4 de junho, Jiang Zemin⁵ foi escolhido como secretário-geral do PCC. Consciente da importância do apoio dos militares para deter o poder, Jiang procurou estreitar as relações pessoais com eles, concedendo-lhes promoções e mais que quadruplicando o orçamento militar. Jiang prosseguiu com as reformas econômicas e com a abertura ao mundo exterior; no entanto, não empreendeu um programa ousado de reforma política, apenas implementando algumas poucas medidas. Em 2002, Jiang passou a função de secretário-geral do partido para o tecnocrata Hu Jintao⁶. Em 2003, Hu Jintao recebeu a fun-

3 Em 1978, o desenvolvimento econômico foi colocado como prioridade, e uma nova política, a das Quatro Modernizações – Indústria, Defesa, Agricultura e Ciência e Tecnologia – foi adotada.

4 A repressão aos manifestantes da Praça Tiananmen ocorreu quando uma mobilização popular múltipla emergiu na RPC, como movimento contra a corrupção. Os ultra-reformistas do Partido Comunista, nucleados em torno do primeiro-ministro Zhao Ziyang, procuraram capitalizá-la em sua luta contra os reformistas moderados, ou conservadores.

5 Jiang Zemin era chefe do partido e prefeito de Xangai quando foi escolhido para assumir o cargo de secretário-geral do partido.

6 Hu Jintao começou sua carreira na Liga Comunista da Juventude. Foi membro do Comitê Central do partido, secretário provincial sediado na província pobre de Guizhou. Serviu de 1988 a 1992 como secretário do partido no Tibete, onde reprimiu uma rebelião em 1989 e tornou-se conhecido como um rígido administrador.

ção de presidente da China e, em 2005, a de chefe da Comissão Central Militar, assumindo, assim, os mais importantes cargos político e militar (FAIRBANK, 2007, p. 393-417 *passim*).

O CRESCIMENTO DA CHINA

O início das reformas econômicas

Quando assumiu o poder, Deng Xiaoping tinha como desafio terminar a estagnação econômica herdada da era Mao. Eram necessárias reformas econômicas radicais, por isso o modelo stalinista foi abandonado, e a China voltou-se para o modelo de desenvolvimento do Leste da Ásia. Buscou-se estimular as fazendas familiares, as economias de mercado, o consumo de bens industriais e o envolvimento no comércio internacional. As reformas começaram na zona rural, onde 80% da população ainda vivia. Os camponeses pobres começaram a retirar suas famílias das coletividades e passaram a produzir em núcleos familiares, fazendo com que a reforma agrária se tornasse uma política oficial (FAIRBANK, 2007, p. 372-374 *passim*).

Uma das principais mudanças empreendidas pelo governo foi a política de redução gradual da interferência estatal nos empreendimentos, em benefício da economia de mercado. Em meados da década de 80, foram criadas quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEE) ao longo da costa sudeste, com o propósito de atrair investimentos estrangeiros, estimular as exportações e possibilitar a importação de produtos de alta tecnologia.

De acordo com Fairbank (2007, p. 378-379):

“O Governo oferecia benefícios fiscais especiais, regulamentos flexíveis e opunha menos obstáculos do que em qualquer ou-

tro lugar do país; em contrapartida, as zonas deveriam produzir novas tecnologias e promover exportações.”

Ao final da década:

“Os vizinhos do Leste da Ásia, especialmente Hong Kong e Taiwan, instalaram indústrias na China em virtude da mão-de-obra barata. Além da produção intensiva de bens não duráveis, na década de 1990, a indústria chinesa começou a produzir bens duráveis e sofisticados como componentes eletrônicos, computadores e maquinaria e transporte.”

A proliferação de indústrias estrangeiras, bem como privadas e públicas, estendeu-se para o interior do país, dinamizando a economia e afastando cada vez mais o controle do Estado. Logo as empresas privadas tornaram-se mais produtivas e competitivas do que as estatais. Porém, não foi possível privatizar a indústria estatal logo no início do processo de reforma, pois causaria a demissão de milhares de trabalhadores, acarretando grandes distúrbios sociais. Por essa razão, a privatização das indústrias estatais só começou no final dos anos 90, quando a indústria privada já estava consolidada, sendo responsável pela maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) e capaz de absorver parte da mão-de-obra liberada no processo.

Investimentos em Educação e Ciência e Tecnologia

No início das reformas, os investimentos em Educação e Ciência e Tecnologia foram modestos. Porém, o governo chinês, entendendo a necessidade de aumentar o nível de educação da população para sustentar o crescimento econômico, passou a destinar recursos do orçamento cada vez maiores para esse setor. Segundo o relatório do orçamento de 2003, do ministro das

Finanças Xiang, os gastos nacionais com a Educação cresceram 19,2% em 2002, e há uma política nacional para aumentar a parcela do orçamento em Educação na taxa de 1% ao ano (CRANE, 2005, p. 207).

O domínio da competência tecnológica e científica tem uma grande importância estratégica para um país. Um dos principais benefícios do domínio de ciência e tecnologia de ponta são as parcerias entre as áreas técnicas e o setor industrial, tanto civil quanto militar. Na China, os grupos científicos trabalham para contribuir para o crescimento econômico. As sociedades acadêmicas são estimuladas a ajudar Empresas Estatais (EE) a melhorar as suas tecnologias. A pesquisa é incentivada nos institutos e universidades de maneira que a produção científica possa ser utilizada nas indústrias. Durante os últimos cinco anos, um total de 23.788 descobertas científicas foram industrializadas (XINHUA NEWS, 2007).

A transformação em potência comercial

As reformas econômicas transformaram a China em uma das maiores potências comerciais do mundo. As exportações passaram de US\$ 14 bilhões em 1979 para US\$ 762 bilhões em 2005, enquanto as importações cresceram de US\$ 16 bilhões para US\$ 660 bilhões no mesmo período. O superávit comercial, que foi de US\$ 32 bilhões em 2004, triplicou, passando a US\$ 102 bilhões em 2006 (MORRISON, 2006, f. CRS 7).

Os principais produtos de exportação chineses são as manufaturas de baixo custo, equipamentos e maquinaria, normalmente produzidos com componentes e matéria-prima importados. Os importados consistem em componentes eletrônicos, partes de máquinas, óleo cru, aço e plásticos, entre outros.

O superávit da balança comercial acumulado, somado aos investimentos estran-

geiros em larga escala e ao atrelamento da moeda ao dólar americano, permitiu que a China acumulasse a maior reserva de fundos em moeda estrangeira do mundo. O total das reservas atingiu o valor de US\$ 875,1 bilhões no final de março de 2006 (MORRISON, 2006, *loc. cit.*).

A situação atual

As reformas econômicas iniciadas por Deng Xiaoping transformaram a China em uma nação relativamente aberta, estável, urbanizada e modernizada (FAIRBANK, 2007, p. 372). Em apenas 26 anos obteve um crescimento econômico extraordinário.

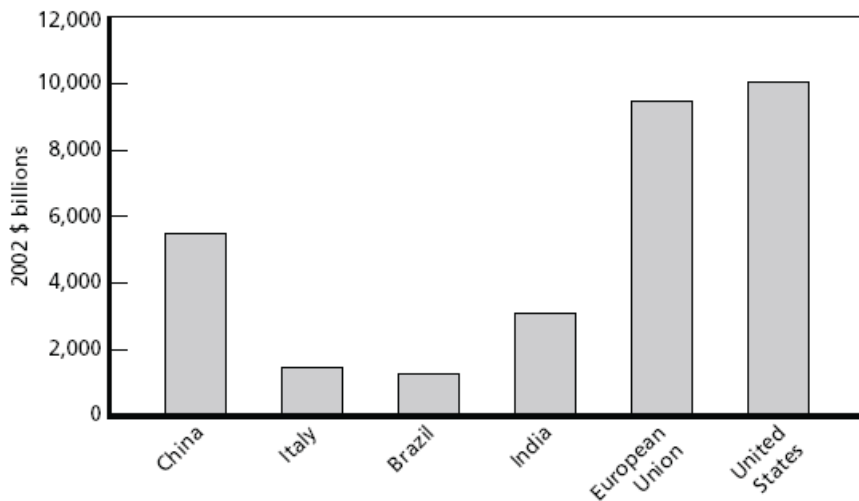
Com um crescimento médio do PIB de 9,7% entre 1979 e 2005, a China tornou-se a segunda maior economia do mundo, atrás

TABELA 1
Média Anual da Razão de Crescimento
(%) do PIB, 1960-2006

Período	Média Anual de Crescimento %
1960-1978 (pré-reforma)	5.3
1979-2005 (pós-reforma)	9.7
1990	3.8
1991	9.3
1992	14.2
1993	14.0
1994	13.1
1995	10.9
1996	10.0
1997	9.3
1998	7.8
1999	7.6
2000	8.4
2001	8.3
2002	9.1
2003	10.0
2004	10.1
2005	9.9
2006 (primeiro trimestre)	10.2

Fonte: MORRISON, 2006, f. CRS 3.

China's GDP Measured at Purchasing Power Parity Exchange Rates Compared to Other Large Economies, 2002



RAND MG260-2.2

GRÁFICO 1 – PIB (GDP) da China em termos de PPC (PPP) comparado a outras grandes economias mundiais (Itália, Brasil, Índia, União Européia e Estados Unidos), em 2002.

Fonte: CRANE, 2005, p. 14.

apenas dos EUA, em termos de Paridade de Poder de Compra – PPC⁷ (MORRISON, 2006, f. CRS 3 e CRANE, 2005, f. xvi).

A tabela 1 apresenta o impressionante crescimento do PIB chinês desde o início das reformas até o primeiro trimestre de 2006.

Para se ter uma idéia da dimensão do PIB (a sigla em inglês é GDP, de *Gross Domestic Product*) da China em termos de PPC (PPP) em 2002, o gráfico 1 apresenta uma comparação com outros países em desenvolvimento e com as grandes economias mundiais.

POLÍTICA DE DEFESA E MODERNIZAÇÃO MILITAR

Investimentos em Defesa

O crescimento econômico analisado no capítulo anterior permitiu que fossem aplicados maiores recursos na modernização mili-

tar chinesa. O orçamento militar da China vem apresentando aumento nos valores absolutos desde o início das reformas econômicas, mas somente em 1996 o aumento percentual tornou-se significativo em termos reais (descontada a inflação), quando atingiu o patamar de dois dígitos (CRANE, 2005, p. 108). O crescimento do orçamento médio entre 1996 e 2006 foi estimado em 11,8% (já descontada a inflação), sendo mantido acima do crescimento anual médio do PIB, estimado em 9,2% (US Department of Defense, 2007, p. 25).

Uma consideração importante a fazer é que o orçamento oficial chinês inclui somente uma parcela dos gastos totais militares, como gastos com pessoal (salários, alimentação, seguro etc.), treinamento e manutenção (adestramento da tropa, cursos específicos, construção e manutenção de instalações etc.) e equipamentos (manutenção, transporte de armamento, pesquisa etc.) (FAS, 2006).

⁷ A sigla de Paridade de Poder de Compra em inglês é PPP, de *Purchasing Power Parity*.

Entretanto, são excluídas do orçamento grandes categorias de gastos, como a compra de armamentos no exterior, gastos com forças paramilitares (Polícia Popular Armada), armas nucleares, programas de foguetes estratégicos, subsídios para a indústria de Defesa, algumas pesquisas e desenvolvimentos relacionados com a Defesa e receitas extras que são aplicadas na área militar (CRANE, 2005). Esse fato leva a crer que os gastos reais com Defesa são muito superiores aos declarados pelo governo chinês. Em março de 2007, Pequim⁸ anunciou um aumento de 17,8% no orçamento militar, o que significa um orçamento oficial de aproximadamente US\$ 45 bilhões. Porém, a Agência de Inteligência de Defesa americana (Defense Intelligence Agency – DIA *apud* US Department of Defense, 2007, p. 25) estima que o gasto total da China em 2007 será entre US\$ 85 bilhões e US\$ 125 bilhões.

O esforço chinês para a modernização militar

Nos últimos 20 anos, a China teve dificuldade em produzir, com qualidade, sistemas de armas tecnologicamente sofisticados. Para mudar esse quadro, em 1998 o governo chinês iniciou uma grande estratégia para incrementar a capacidade tecnológica da indústria de Defesa. Os três elementos que compõem essa estratégia são: **modernização seletiva, integração civil-militar e exploração de tecnologias estrangeiras avançadas**. A modernização seletiva visa explorar a capacidade chinesa em tecnologia eletrônica e mísseis para aplicação em C⁴ISR⁹ (Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento) e armas

de ataque de grande precisão. A integração civil-militar consiste em utilizar as sofisticadas tecnologias desenvolvidas por empresas estatais para clientes civis em empreendimentos militares, principalmente nas áreas de computação, eletrônica e construção naval. Para explorar tecnologias estrangeiras avançadas, a China tem adotado um programa de substanciais importações de armas, equipamentos e tecnologia militar, principalmente da Rússia e de Israel (CRANE, *loc. cit.*).

Para evitar a dependência chinesa da assistência especializada estrangeira, a China procura reforçar a pesquisa científica relacionada à Defesa. Algumas medidas tomadas por Pequim para beneficiar a indústria de Defesa são:

- a transferência de tecnologia e *know-how* de projetos desenvolvidos em conjunto com empresas estrangeiras;
- aumento dos recursos governamentais para pesquisa, desenvolvimento e aquisições no exterior;
- compras legais e ilegais de tecnologias militares e de duplo uso de outros países;
- crescente parceria com instituições acadêmicas; e
- o retorno de uma nova geração de cientistas, engenheiros e gerentes após receber treinamento e ganhar experiência no exterior (US Department of Defense, 2007, p. 28).

A grande estratégia estimulou as indústrias de Defesa chinesas a desenvolver e produzir sistemas de armas, tais como mísseis, aviões de combate e navios de guerra, cujos parâmetros de desempenho são comparáveis aos sistemas ocidentais. Hoje, a China desenvolve e produz uma vasta gama de mísseis balísticos, de cruzeiro e superfi-

8 Pequim ou Beijing, capital da República Popular da China, no contexto representa o governo chinês.

9 A sigla original em inglês Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance (C⁴ISR) refere-se a uma arquitetura de integração de sistemas por meio de rede.

cie-ar e investe no desenvolvimento de novos mísseis com maior alcance e precisão. A indústria espacial está se expandindo para apoiar a política de incremento da capacidade de lançamento de satélites e o programa de vôos espaciais tripulados. Os estaleiros chineses podem apoiar a construção dos principais tipos de navios de combate, anfíbios e tanques. A China é capaz de produzir, em série, modernos submarinos convencionais e está caminhando para o desenvolvimento de submarinos nucleares. A indústria aeronáutica, que antes somente copiava os modelos russos, passou a desenvolver e produzir aeronaves nacionais, embora ainda dependa de assistência em áreas como motores e aviônica (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 27).

Paralelo ao esforço de desenvolvimento da indústria militar, o governo chinês investe em uma ampla reformulação militar que permita operações combinadas. Esta reformulação engloba uma completa profissionalização do Exército de Libertação Popular (ELP), aperfeiçoamento do treinamento de pessoal, exercícios combinados mais realistas e vigorosos e a aquisição acelerada de armamento moderno (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 15).

A Política de Defesa Nacional

A principal meta declarada por Pequim no Plano Nacional de Defesa 2006¹⁰ (FAS, 2006) é modernizar as forças armadas nacionais para garantir a segurança e a unidade da China. A ameaça, a curto prazo, para a unidade chinesa é o desejo de independência de Taiwan¹¹. Para fazer frente a essa

ameaça, a China está investindo na modernização militar de modo a estar preparada para deter a intervenção de uma terceira parte em um possível conflito no Estreito de Taiwan. Estão sendo feitos esforços para desenvolver a capacidade de interceptar, a longas distâncias, porta-aviões e grupos de ataque que possam ser posicionados no Pacífico. Dessa forma, está sendo dada ênfase ao desenvolvimento de mísseis balísticos de médio alcance, com sistema de guiagem que utiliza C⁴ISR para geolocalização de alvos com precisão (US Department of Defense, 2007, p. 16).

Outra meta declarada é a busca por capacidade de inovação independente em armamentos e equipamentos com o desenvolvimento de ciência e tecnologia relacionada com a Defesa, e também buscar fazer descobertas em áreas de conhecimento e tecnologias de importância estratégica (FAS, 2006). As atividades espaciais e programas anti-satélite enquadram-se nessa política. A China tem conferido alta prioridade para investimentos na área espacial, incluindo satélites de reconhecimento, navegação e sincronização de tempo, viagens tripuladas, comunicações e lançamentos de pequenos satélites, microssatélites (com peso menor que 100 kg) para sensoriamento remoto, de imagens e radar. Em janeiro de 2007, conduziu, com sucesso, um teste com um míssil ASAT¹² contra um satélite próprio, demonstrando sua capacidade de atacar satélites LEO¹³. A capacidade espacial chinesa amplia as possibilidades de aplicação da estratégia de negação de acesso de área ao adversário, não só num possível conflito com Taiwan, mas também em

10 China's National Defence in 2006 White Paper, Plano Nacional de Defesa da China em 2006 (FAS, 2006).

11 O nome oficial de Taiwan é República da China. A RPC não reconhece a soberania de Taiwan e o considera uma de suas províncias.

12 ASAT – Anti-Satellite ou anti-satélite.

13 LEO – Low Earth Orbit, satélites em órbitas terrestres baixas.

outras regiões do globo (US Department of Defense, 2007, f. 20-21).

Seguindo as políticas de informatização e de desenvolvimento de tecnologias relacionadas à Defesa (FAS, 2006), o Exército de Libertação Popular também tem investido em Tecnologia da Informação (TI), Contramedidas Eletrônicas (CME¹⁴) para defesa contra ataques eletrônicos e Operações com Redes de Computadores (CNO¹⁵). O desenvolvimento de TI permite aprimorar a infra-estrutura de C⁴I¹⁶ – Comando, Controle, Comunicações, Computadores e Inteligência. A CME engloba despistadores eletrônicos e de infravermelho, refletores de marcação e geradores de alvos falsos. O conceito de ORC inclui defesa, ataque e exploração de redes de computadores (CRANE, 2005, p. 183 e US Department of Defense, 2007, p. 21-22).

Em relação à estratégia nuclear, Pequim afirma que suas intenções são puramente defensivas, ou seja, prevenir o uso ou a ameaça de uso de armas nucleares contra o país (FAS, 2006). Para manter a estratégia de dissuasão nuclear, a China tem aperfeiçoado – quantitativamente e qualitativamente – seu arsenal nuclear. Atualmente, possui 20 mísseis de longo alcance (12.900 km, capazes de atingir toda a América do Norte), 20 mísseis de alcance limitado a 5.470 km (capazes de atingir a metade oriental da Europa), entre 14 e 18 mísseis de alcance limitado a 3.000 km (capazes de atingir quase toda a Ásia) e mais de 50 mísseis de médio alcance (1.770 km, capazes de atingir o Japão e Taiwan). Existe a previsão de que, em 2010, a China possa

obter uma combinação desses mísseis com outros que já estão em fase final de desenvolvimento. A figura 1, a seguir, mostra o alcance dos mísseis previstos para 2010 (US Department of Defense, 2007, p. 18-19).

A China é capaz de lançar sua força nuclear por toda a região e na maior parte do mundo, incluindo os Estados Unidos continentais. Novos sistemas são indicados na figura 1, com os alcances marcados em km: DF-31, DF-31A e JL-2 proporcionarão uma força nuclear com maior capacidade de sobrevivência.

POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A posição atual da China na Balança Mundial do Poder Militar

A elevação da China à posição de potência econômica e militar na Ásia traz significantes implicações para o ambiente estratégico regional e mundial. No Plano Nacional de Defesa de 2006 (FAS, 2006), Pequim declara que sua política visa resistir a agressões, defender-se de violações de suas fronteiras, seu espaço aéreo e mar territorial, bem como se opor e conter as forças separatistas de Taiwan. No sentido de manter a política de coerção contra a independência de Taiwan, a China posicionou 800 mísseis de curto alcance em frente àquela ilha e continua a modernizar sua capacidade de ofensiva aérea. Ainda assim, não é provável que, em curto prazo, pretenda usar efetivamente a força contra

14 CME – Contramedidas Eletrônicas são um conjunto de dispositivos que reduzem a chance de um radar inimigo efetuar a detecção do alvo, porém sua utilização aumenta as chances da fonte emissora ser detectada.

15 CNO – “Computer Network Operations”, ou ORC – Operações com Redes de Computadores.

16 A sigla original em inglês Command, Control, Communications, Computers and Intelligence – C⁴I também se refere à arquitetura de integração de sistemas por meio de rede, conforme citado anteriormente.

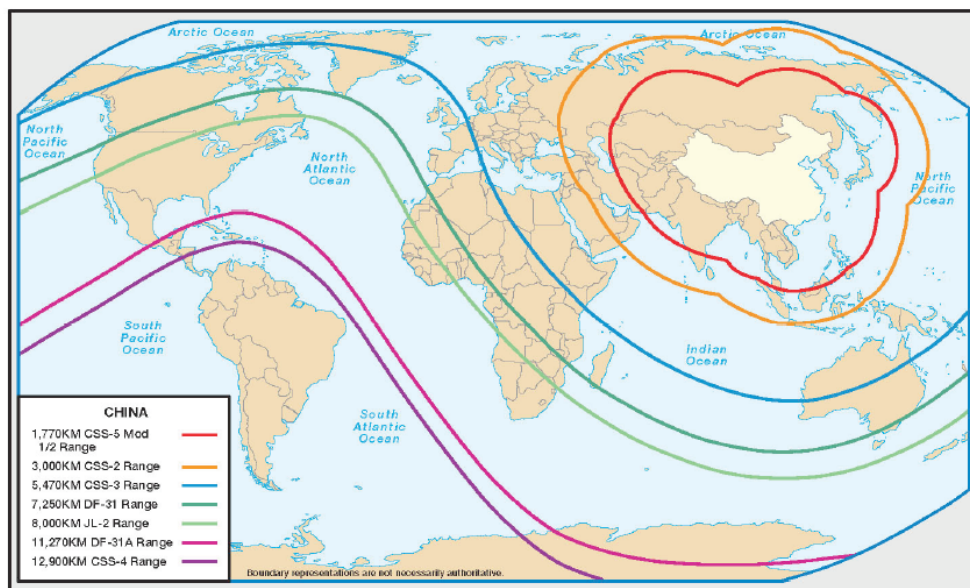


FIGURA 1 – Mísseis balísticos de médio alcance e intercontinentais. O alcance é expresso em quilômetros (km), em inglês: Range.

Fonte: US Department of Defense, 2007, p. 19.

Taiwan para tentar a reunificação. Apesar dos grandes avanços obtidos com a modernização do ELP, a China ainda não tem capacidade militar para assegurar – com total confiança – uma vitória, principalmente considerando-se uma possível intervenção dos EUA, que apóiam Taiwan militarmente. Adicionalmente, um ataque contra Taiwan afetaria severamente o seu crescimento econômico, o que resultaria em um atraso no desenvolvimento do país (US Department of Defense, 2007, f. I).

Além da questão da independência de Taiwan, os EUA têm diversos outros conflitos de interesse com a China na região asiática do Pacífico. A aproximação com o Japão é vista como uma estratégia para conter a “ameaça chinesa”. As relações sino-nipônicas são complexas e cercadas de desconfiança devido ao passado de guerras e da ocupação japonesa de territórios chineses. Uma das preocupações do governo chinês é a remilitarização do Ja-

pão (CRANE, 2005, p. 196). O Japão, com o apoio dos EUA, está se empenhando para revisar a sua constituição, o que permitirá a sua expansão militar e uma participação mais ativa na região (FAS, 2006). A cooperação militar entre EUA e Japão está aumentando, especialmente em tecnologias de defesas antimísseis (MEDEIROS, 2005, p. 150). Apesar das dificuldades nas relações sino-nipônicas, existe uma grande interação econômica entre os dois países.

Pequim também se ressentida da política dos EUA em relação aos países do Sudeste Asiático. A aliança dos EUA com essas nações é vista como um meio de reforçar a política americana de domínio e controle da sua posição estratégica na área, por meio de ajuda militar, cooperação de defesa antimísseis e toda gama de assuntos relacionados com a Defesa e, ao mesmo tempo, conter a expansão da influência econômica e militar chinesa na região (CRANE, *loc. cit.*). No passado, os países do Sude-

te Asiático viam a China como uma ameaça devido a disputas territoriais no Mar do Sul da China. Hoje, Pequim reduziu sua prioridade em relação a essas disputas e se concentra em expandir suas relações comerciais, políticas e de segurança com os países componentes da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean)¹⁷ (VAUGHN, 2006). Em novembro de 2004, a China e a Asean fecharam um acordo para reduzir gradualmente as tarifas alfandegárias e criar a maior área de livre comércio do mundo por volta de 2010. Pequim também iniciou conversações para criar acordos de segurança bilaterais e multilaterais com países do Sudeste Asiático (US Department of Defense, 2007, p. 2 e VAUGHN, *loc. cit.*).

A presença de forças americanas em repúblicas da Ásia Central, importantes fornecedoras de energia para a China, também é uma fonte de preocupação para Pequim. Os EUA já demonstraram capacidade de, partindo de pontos distantes, atingirem alvos no coração da Ásia. Para reagir ao que Pequim entende ser uma política de “cercar” a China para conter sua expansão, o governo chinês procurou reforçar suas relações com os países vizinhos por meio da Organização de Cooperação de Xangai (OCX). A OCX funciona como instrumento de diplomacia, política de defesa e um fórum para coordenação de assuntos econômicos. Dela participam a Rússia, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão. O ELP já realizou exercícios militares com os outros países membros da OCX, incluindo um exercício com a Rússia em agosto de 2005, o primeiro em 30 anos (BLANK, 2006, p. 2).

As relações sino-russas não se limitam à OCX. Pelo contrário, houve grande pro-

gresso nas relações entre estes dois Estados, permitindo que em 2001 fosse estabelecida uma cooperação estratégica entre eles (CRANE, 2005, p. 198). Numa reunião em março de 2006, a quinta em menos de 12 meses, o Presidente chinês Hu Jintao e o russo Vladimir Putin declararam 2006 o “Ano da Rússia”. Os dois líderes também concordaram em expandir o intercâmbio militar e realizar oito atividades de cooperação militar (US Department of Defense, 2007, p. 1). A Rússia é hoje o maior fornecedor de armas e equipamentos militares, além de prestar assistência técnica em projetos de armas e sistemas espaciais.

A União Européia (UE), um importante ator no cenário internacional, não tem conflitos de interesses na Ásia com a China e mantém crescentes relações comerciais com este país. Entretanto, desde o episódio da violenta repressão aos manifestantes da Praça Tiananmen, em 1989, a UE, juntamente com os EUA, lhe impôs um embargo de venda de armas (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 29).

A percepção dos EUA e seus aliados em relação à rápida modernização militar chinesa

O Plano Nacional de Defesa 2006 afirma que a modernização militar e a política de defesa nacional são requisitos para manter a China atualizada com as novas tendências globais de guerra. O desenvolvimento científico será um princípio-guia para a construção da defesa nacional em assuntos militares. A China busca ter uma política de defesa de natureza puramente defensiva. Apesar destas afirmativas, os demais países têm dúvidas a respeito das verdadeiras motiva-

17 A Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) – Association of Southeast Asian Nations – inclui os seguintes países: Brunei, Burma, Cambodja, Indonésia, Laos, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Vietnam.

ções do alto investimento chinês na modernização militar (US Department of Defense, *op. cit.*, f. I). Suas ações em diversas áreas são inconsistentes com a política declarada, e o desenvolvimento de algumas capacidades não foi adequadamente explicado. Seus gastos militares aparentam ser muito superiores aos assumidos pelo governo. Essa falta de transparência pode ser interpretada como uma manobra deliberada do governo chinês para ocultar seu planejamento estratégico.

Os EUA demonstram grande preocupação com a rápida modernização militar chinesa. No Relatório Anual ao Congresso, de 2007, o Departamento de Defesa declara que o ELP está procurando se transformar de um exército com capacidade de travar prolongadas guerras em seu território, debilitando lentamente a força dos adversários, para um com condições de lutar e vencer conflitos de curta duração, de alta intensidade e contra adversários tecnologicamente avançados. A capacidade da China de manter um Poder Militar distante de seu território permanece limitada, mas, como observado na Revisão Quadrienal do Relatório de Defesa, ela tem o maior potencial de competir militarmente com os Estados Unidos e possui tecnologias militares que, com o tempo, podem igualar tradicionais vantagens dos EUA (US Department of Defense, *loc. cit.*).

Taiwan estabeleceu acordos políticos com Pequim que têm mantido relativa estabilidade entre eles enquanto não se resolve a questão da reunificação ou independência de Taiwan. Ainda assim, este país mantém sua capacidade de autodefesa adquirindo armamento dos EUA e treinando suas forças, embora os gastos com Defesa tenham diminuído na última década.

A UE, após o Encontro de Líderes ocorrido em 2004, se comprometeu a estudar como poderia ser suspenso o embargo im-

posto desde 1989, repetindo a promessa nos dois anos seguintes, porém os estados membros sentem que suspender o embargo seria arriscado devido à falta de transparência da política de Defesa de Pequim. Esta suspensão significaria permitir que a China obtivesse acesso a tecnologias avançadas na área militar.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Na economia

A economia chinesa cresceu formidavelmente nos últimos anos, e, na opinião de Morrison (2007), muitos economistas acreditam que deve continuar a crescer na próxima década. No entanto, reformas econômicas e políticas têm que continuar a ser feitas para garantir essa previsão. As empresas estatais são responsáveis por um terço da produção industrial chinesa, e estima-se que mais da metade delas dão prejuízo e precisam ser subsidiadas pelo governo, principalmente por bancos estatais. A manutenção dessas empresas deficitárias impede o investimento de recursos em empresas rentáveis. O sistema bancário enfrenta sérias dificuldades devido ao suporte financeiro às EE e falha por não operar somente baseado nos princípios de mercado. O sistema bancário chinês é regulado pelo governo central, que define as taxas de juros e aloca créditos para certas firmas chinesas. Pequim reluta em abrir o setor bancário chinês e permitir a competição de bancos estrangeiros (MORRISON, 2006, f. CRS 10-11).

Outro problema a ser enfrentado para manter o crescimento econômico é o desagrado público com a poluição, a corrupção no governo e a crescente desigualdade de renda. A poluição tem piorado, impondo sérios riscos à saúde da população. O governo chinês freqüentemente desobedece

às suas próprias leis antipoluição em prol do rápido crescimento econômico. A distribuição de renda é desigual, principalmente entre a população urbana costeira e o interior rural. A cessão de terras beneficia um seleto grupo que tem contatos no governo. A ausência de aplicação eficiente da lei tem propiciado a corrupção, a especulação financeira e a má alocação de recursos. Devido à falta de independência do sistema judicial, as empresas americanas têm dificuldades de fazer negócios na China e os direitos de propriedade intelectual não são respeitados (MORRISON, 2006, f. CRS 11-12).

A economia chinesa está bastante saudável, mas seu futuro dependerá da habilidade do governo de promover as reformas necessárias, principalmente nas EE e no sistema bancário. As perspectivas da evolução do crescimento econômico são boas. A Global Insight, uma firma especializada em previsões econômicas, prevê que o crescimento do PIB, nos próximos dez anos, será em média 7,8%, indicando que a economia chinesa poderá mais que dobrar em menos de dez anos (MORRISON, 2006, f. CRS 12).

Na expansão do Poder Militar

A dimensão dos gastos da China com a modernização militar, na próxima década, dependerá da taxa de crescimento da economia nesse mesmo período, mas tudo indica que o orçamento da Defesa continuará recebendo grande quantidade de recursos. Uma estimativa baseada nos gastos de outros países em desenvolvimento prevê para a próxima década um aumento no orçamento militar chinês até o limite de 5 % do PIB (CRANE, 2005, p. 226).

Além da quantidade de recursos aplicados na Defesa, outro fator determinante para que a China tenha a capacidade de produzir avançados sistemas de armas será

a competência da indústria militar nacional de superar suas deficiências e limitações (CRANE, *op. cit.*, p. 157). Apesar de adquirir armamentos tecnologicamente avançados da Rússia e de Israel, estes países não transferem seus sistemas de armas mais sofisticados (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 28). A UE mantém o embargo de venda de material bélico, e as empresas estrangeiras, para manter sua competitividade, impõem controle de exportações para impedir que a China adquira materiais, equipamentos e capacitação para produzir armas com alta tecnologia. Para poder desenvolver e produzir no país os modernos e sofisticados sistemas de armas que Pequim deseja, é preciso que a indústria nacional chinesa seja capaz de produzir as máquinas, materiais e *know-how* necessários para este fim (CRANE, *op. cit.*, p. 157). Analisando os progressos feitos nos últimos cinco anos e a política de incentivo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico, tudo leva a crer que a China conseguirá, ao final da próxima década, superar a maior parte de suas atuais deficiências e limitações e produzir sistemas de armas comparáveis aos sistemas dos países ocidentais.

Os órgãos de Defesa dos EUA estabeleceram algumas previsões sobre a força de Defesa chinesa até 2020. Estima-se que os projetos de mísseis, atualmente existentes, serão melhorados, e que serão desenvolvidos novos mísseis balísticos e de cruzeiro com maior alcance e precisão de ataque. Novos mísseis de cruzeiro, que podem ser lançados de terra ou ar e que podem ser empregados em ataques nucleares, irão aumentar a flexibilidade e sobrevivência da força nuclear chinesa. Também está sendo desenvolvido um sistema de proteção antimísseis (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 4-19 *passim*). A capacidade naval do ELP está gradualmente se

expandindo para operações de defesa em águas azuis¹⁸ (TKACIK Jr., 2007). Sabe-se que a Marinha planeja construir um navio-aeródromo, e os analistas americanos acreditam que este objetivo poderá ser atingido até 2020 (US Department of Defense, 2007, p. 24). Estima-se que há pelo menos dez submarinos convencionais em construção em estaleiros chineses e que o desenvolvimento de submarinos nucleares está avançando (TKACIK Jr., *loc. cit.* e US Department of Defense, *op. cit.*, p. 27). A indústria aeronáutica chinesa tem planos de construir 250 aviões de combate projetados com base na tecnologia de aviões americanos e está desenvolvendo e, em breve, estará produzindo, aviões de combate de última geração (TKACIK Jr., 2007). Pequim pretende ter mais de cem satélites em órbita até 2010 e lançar mais cem satélites até 2020 (US Department of Defense, *op. cit.*, p. 27-28 *passim*). O teste realizado em janeiro de 2007 com o míssil que destruiu um satélite em órbita e as tentativas de cegar ou iluminar com laser um satélite de reconhecimento americano, em 2006, são evidências que a China está se preparando para neutralizar os dispositivos espaciais americanos num eventual conflito com os EUA (TKACIK Jr., 2007).

Na balança de poder

A análise da atual estratégia em relação à modernização do ELP e os investimentos que estão sendo feitos para o desenvolvimento militar mostram que a China está se preparando para ser capaz de enfrentar países que fazem uso de tecnologias militares mais avançadas. A contínua modernização militar na próxima década deve aumentar a confiança de Pequim para tentar impor seus interesses e diminuir a influên-

cia americana na Ásia. Já existem previsões nos EUA de que, em uma década, a China se tornará o único país do mundo capaz de competir com os EUA por influência militar e estratégica (TKACIK Jr., 2007).

O crescimento econômico, a modernização do ELP e o aprofundamento das relações com os países membros da OCX e com a Asean tendem a capacitar a China a projetar poder sobre toda a Ásia e negar aos EUA acesso ao Sudeste Asiático e à Ásia Central. A estratégia adotada por Pequim na questão da reunificação com Taiwan dependerá dos rumos das conversações. Entretanto, é evidente que a modernização do poder militar chinês aumentará o poder de coerção sobre Taiwan. Os conflitos de interesses na Ásia Central e Sudeste Asiático e a questão do Estreito de Taiwan podem levar a um cenário futuro de conflito entre a China e os EUA, envolvendo aliados de ambas as partes. O estreitamento das relações com a Rússia e a crescente cooperação militar fazem-nos crer que será possível uma aliança sino-russa em caso de conflito com os EUA.

Os EUA, por sua vez, continuarão sua política de altos investimentos em Defesa e em ciência e tecnologia. A economia americana deverá continuar a ser a maior do mundo no final da próxima década. A experiência adquirida na participação recente em diversos conflitos pelo globo, especialmente a guerra ao terrorismo, atribui aos EUA uma grande vantagem em relação à China em termos de adestramento da tropa, logística e aplicação do C⁴ISR para a guerra moderna. O estoque de armas dos EUA ainda será maior, uma vez que o acúmulo de armas é um resultado de investimentos ao longo dos anos (CRANE, 2005, p. 235). Por estes motivos, em 2020, os EUA ainda deverão ser a maior potência militar mundial.

18 Capacidade logística dos meios navais de operar em região oceânica, distante da costa.

REFLEXÕES FINAIS

Analisando a evolução econômica, o desenvolvimento tecnológico e a política de Defesa da China, pode-se acreditar que este país continuará sua expansão econômica e militar na próxima década, talvez de uma forma mais lenta, caso o governo chinês não promova as reformas necessárias, principalmente nas EE e no setor bancário. Coerente com a expansão econômica, os recursos destinados ao orçamento da Defesa deverão crescer. Seu poder militar continuará sendo modernizado e sua capacidade aumentará, tornando o ELP uma força moderna e ágil. A expansão da capacidade militar poderá ser ainda maior, caso os investimentos em pesquisa e em desenvolvimento científico resultem na criação de pólos de desenvolvimento de tecnologia militar avançada, permitindo a independência parcial ou total de outros países nessa área. O mesmo ocorrerá de uma forma ainda mais rápida caso seja suspenso o embargo da UE e a China tenha acesso às novas tecnologias ocidentais.

Ao final da próxima década, a China provavelmente terá se transformado em uma potência militar mundial, mas ainda sem sobrepor-se aos EUA, uma vez que o orçamento militar americano provavelmente será igual ou maior que o orçamento chinês, sua tecnologia aplicada à defesa deverá ser a mais avançada do mundo e os seus

arsenais acumulados ainda serão maiores em 2020. Haverá um reposicionamento das forças no balanço do poder mundial onde a China, possivelmente, passará a ter um peso equivalente aos EUA.

É pouco provável que a China tome a iniciativa de uma agressão direta aos EUA, pois naturalmente haveria imensos prejuízos ao próprio país. Porém, poderá usar seu poder militar para dissuadir as pressões e eventuais embargos, para reduzir ou eliminar a influência dos EUA no centro e sudeste da Ásia, na região asiática do Pacífico ou em outras regiões, bem como impor seus interesses econômicos, políticos e militares.

Do mesmo modo, os EUA evitarão um confronto militar com a China, pois terão a percepção de que um conflito armado será extremamente temerário e arriscado. Deverá ser respeitado o fato de este país já possuir mísseis de longo alcance, inclusive nucleares, capazes de atingir os EUA. Ao final da próxima década, provavelmente a China também já terá desenvolvido um sistema de proteção antimísseis. Considerando estes dois fatos, acredita-se que a China terá capacidade de uma pronta reação em caso de ataque, resultando em prejuízos incalculáveis para ambas as partes. Em caso de conflito de interesses entre os dois países, as soluções negociadas certamente serão privilegiadas e os interesses da China, respeitados.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA> / China; Forças Armadas; Poder Militar; Relações internacionais;

REFERÊNCIAS

- BLANK, Stephen J. *China's Military Power: Shadow Over Central Asia*. Lexington Institute. Agosto de 2006. 16 p. Disponível em: <<http://www.lexingtoninstitute.org>>. Acesso em: 07 maio 2007.
- CRANE, Keith; CLIFF, Roger; MEDEIROS, Evan; MULVENON, James; OVERHOLT, William. *Modernizing China's Military : Opportunities and Constraints*. RAND Corporation. 2005. Disponível em: <<http://www.rand.org/pubs/monographs/MG260-1/>>. Acesso em: 29 jun. 2007. 298 f. MG260-1.
- FAS, Federation of American Scientists. *China's National Defence in 2006 White Paper*. Information Office of the State Council. People's Republic of China. 29 de dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/china/doctrine/wp2006.html>>. Acesso em: 29 jun. 2007.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: Uma Nova História*. 2. ed. Porto Alegre, RS. L&PM Editores. Outono de 2007. 520 p. : il., 23 cm.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. Colaboração de Maria Helena de Andrade Magalhães e Stella Maris Borges. 8. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2007. 255 p.
- MEDEIROS, Evan S. *Strategic Hedging and the Future of Asia-Pacific Stability*. Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology. The Washington Quarterly. Inverno de 2005. p. 145–167. Disponível em: <<http://www.rand.org/nsrd/capp/newsletter/06/jan.html>>. Acesso em: 08 maio 2007.
- MORRISON, Wayne M. *China's Economic Conditions*. CRS, Congressional Research Service Reports. The Federation of American Scientists (FAS) collection of CRS Reports for Congress. 12 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/index.html>>. Acesso em: 29 jun. 2007. Order Code RL33534.
- TKACIK Jr., John J. *A Chinese Military Superpower?* Washington, DC. Web Memo – The Heritage Foundation. 8 de março de 2007. 3 f. Disponível em: <www.heritage.org/research/AsiaandthePacific/wm1389.cfm>. Acesso em: 08 maio 2007.
- USA. The Library of Congress. Federal Research Division. *Country Profile: China*. Agosto de 2006. Disponível em: <<http://lcweb2.loc.gov/frd/cs/profiles/China.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2007.
- _____. US Department of Defense. *Annual Report to Congress - Military Power of People's Republic of China 2007*. Office of the Secretary of Defense. 2007. 50 f. Disponível em: <<http://www.defenselink.mil/pubs/china/html>>. Acesso em: 29 jun. 2007.
- _____. _____. *Quadrennial Defense Review Report 2006*. Office of the Secretary of Defense. 2006. 113 f. Disponível em: <<http://www.defenselink.mil/>>. Acesso em: 03 jul. 2007.
- VAUGHN, Bruce (Coordinator); MORRISON, Wayne M. *China-Southeast Asia Relations: Trends, Issues, and Implications for the United States*. CRS, Congressional Research Service Reports. The Federation of American Scientists (FAS) collection of CRS Reports for Congress. 04 de abril de 2006. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/index.html>>. Acesso em: 29 jun. 2007. Order Code RL32688.
- XINHUA NEWS. *Grupo científico contribui para...* Agência de Notícias Xinhua. 2007. Disponível em: <<http://202.84.17.11/portugal/htm/06231206593.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2007.